

Discurso direto e hipossegmentações na escrita infantil

Direct discourse and hyposegmentation in children's writing

Cristiane Carneiro Capristano *

Giordana França Ticianel **

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

RESUMO: Neste artigo, apresentam-se resultados de pesquisa que teve dois objetivos principais. Por um lado, verificar se a presença do discurso direto, em produções textuais infantis, influenciaria o aparecimento de hipossegmentações – segmentações aquém das previstas pelas convenções ortográficas, como em “abruxa”. Por outro, examinar a qualidade dessas hipossegmentações, na tentativa de averiguar a existência de diferenças nas hipossegmentações quando considerada a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever: o discurso direto (DD) e outros contextos (OC). O *corpus* da pesquisa foi constituído de 65 narrativas escritas por 65 diferentes crianças da segunda série (atual terceiro ano) do Ensino Fundamental I. A análise das hipossegmentações identificadas nesse corpus permitiu constatar que a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever (DD e OC) desempenha, de fato, um importante papel no aparecimento de hipossegmentações na escrita infantil. Em alguns casos, essa instância enunciativa é determinante para o tipo de hipossegmentação que pode ou não emergir. A partir desses resultados e considerando que hipossegmentações constituem pistas dos caminhos trilhados pelas crianças para compreender a noção de palavra definida pelas convenções ortográficas, pôde-se conjecturar que o modo como crianças passam a ser afetadas por essa noção é atravessado também pela voz que a criança assume quando narra/escreve.

* Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil; capristano1@yahoo.com.br

** Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil; giordanaticianel@hotmail.com

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Ortografia; Hipossegmentação; Discurso direto.

Abstract: This paper aims at discussing two main objectives from a research study. On the one hand, it intends to investigate if the presence of direct discourse in children's textual productions would influence the occurrence of hyposegmentation – segmentation which is beyond those provided by orthographic conventions, such as “abruxa” (“thewitch”). On the other hand, this work also questions the quality of those hyposegmentations, as an attempt to explore the possible differences among hyposegmentations, considering the enunciative position where they come from. These enunciative positions can be: direct discourse (DD) and other contexts (OC). The *corpus* of this research is made up of 65 narratives written by 65 second graders of Elementary School. The analysis of the hyposegmentations identified in this corpus allowed us to notice that the enunciative position where children place themselves to narrate/write (DD and OC) has a significant role in the occurrence of hyposegmentations in children's writing. In some cases, this enunciative position determines the kind of hyposegmentation which may or may not emerge. Based on the results– and considering that hyposegmentations represent clues of the paths followed by children in order to understand what “word” is, as it is defined by orthographic conventions–, we could predict that the way children are affected by what they understand as word is also influenced by the enunciative position children assume when they narrate/write.

Keywords: Writing acquisition; Orthography; Hyposegmentation; Direct discourse.

1 DA HIPÓTESE À PESQUISA

Em suas reflexões a respeito da segmentação não-convencional de palavras em enunciados escritos por crianças em aquisição da escrita, Abaurre (1988, 1991) e Silva (1991) detectaram a seguinte tendência:

Nas passagens em que procuram representar o discurso direto, elas [as crianças] segmentam menos, provavelmente baseadas na hipótese de que os diálogos, mesmo quando escritos, devem estar próximos da pronúncia das próprias personagens, registrando-se mais

frequentemente, nesses contextos, as hipo-segmentações¹. (Abaurre, 1991, p. 213)

O registro do discurso direto seria, pois, lugar no qual se verificaria maior aproximação, feita pelas crianças, entre a produção falada (real ou imaginária) de enunciados e sua produção escrita. Tratar-se-ia, pois, de uma instância enunciativa² que favoreceria, na escrita infantil, uma representação gráfica mais fiel de características prosódicas de enunciados (real ou imaginariamente) falados e, conseqüentemente, a emergência de hipossegmentações – ausência de espaços em branco entre palavras.

Na pesquisa a ser apresentada neste artigo, investigou-se, justamente, essa hipótese, ou seja, buscou-se verificar se a presença do discurso direto, em produções textuais infantis, influenciaria o aparecimento de hipossegmentações. Adicionalmente, examinou-se a qualidade das hipossegmentações, na tentativa de averiguar a existência de diferenças nas hipossegmentações quando considerada a instância enunciativa na qual a criança se coloca para escrever: o discurso direto (DD) e o que chamamos de “outros contextos” (OC)³. A hipótese norteadora desta última análise foi a de que os fatores linguísticos determinantes do aparecimento de hipossegmentações no discurso direto poderiam não ser os mesmos que motivariam o aparecimento de hipossegmentações em outros contextos.

A exploração dessas duas hipóteses justificou-se, dentre outros fatos, pela necessidade de conhecermos melhor a aquisição da escrita infantil e o modo como, ao longo desse processo, a criança passa a escrever de acordo com o esperado pelas convenções ortográficas. A investigação de possíveis relações entre hipossegmentações e discurso direto permitiu, também, vislumbrar alguns fatos importantes – mencionados na sequência deste artigo – ligados à maneira como

1 Uma *hipossegmentação* ocorre quando um escrevente segmenta menos do que o esperado pelas convenções ortográficas, ou seja, quando ele une, deixando de colocar espaços em branco, uma ou mais palavras, como, por exemplo, em *abruxachegou* (a bruxa chegou).

2 Neste trabalho, entendemos por “instâncias enunciativas” as diferentes vozes que, no decurso da narrativa, a criança assume para poder narrar/escrever. Em sua tarefa de narrar, a criança, como autor empírico, assume o papel de enunciador que, por sua vez, ora assume a voz de narrador, responsável pelo agenciamento do relato e pela citação, por meio do discurso indireto, das vozes imputadas às personagens da narrativa, ora assume diretamente a voz dos personagens da sua narrativa, por meio de discurso direto.

3 Englobamos sob a denominação “outros contextos” todos os momentos em que aparece a voz do narrador, tanto aqueles em que ele agencia o relato, quanto aqueles em que, por meio do discurso indireto, o narrador integra a sua voz, vozes imputadas às personagens da narrativa.

crianças são envolvidas pela noção de palavra definida pela ortografia, noção que circula pelas práticas sociais letradas institucionalizadas.

Para investigar a relação *hipossegmentação X discurso direto*, partiu-se da definição de discurso direto proposta em Authier-Revuz (1998) e Maingueneau (1996). Para Authier-Revuz (1998), o discurso direto constitui uma das formas de discurso relatado e se caracteriza pela tentativa de reprodução integral do ato de fala do outro, isto é, consiste numa “operação de citação da mensagem do ato relatado” (Authier-Revuz, 1998, p. 150). Ao contrário do que ocorre no discurso indireto, a tentativa de reprodução do ato de fala do outro é realizada sem a necessidade de alteração sintática ou semântica do enunciado, já “que [o discurso direto] apresenta uma estrutura heterogênea, excepcional na língua” (Authier-Revuz, 1998, p. 150). Por não haver necessidade de alteração sintática e semântica, o relato feito por meio de discurso direto tem uma estrutura autônoma com relação ao enunciado no qual aparece. Tal autonomia permite *ver/simular* o “colorido da enunciação original” – expressão cunhada por Romualdo (2003, p. 236) – e, por isso, o discurso direto é lugar de aparecimento de exclamações, de interrogações, de imperativos, de onomatopeias, de vocativos, de interjeições etc., estruturas linguísticas impossíveis de comparecerem no discurso indireto (cf. Maingueneau, 1996, p. 104), dependente do e integrado ao discurso do narrador (discurso citante).

Maingueneau (1996) considera que a citação em discurso direto, embora seja um simulacro da situação de enunciação citada, “supõe a repetição do *significante* do discurso direto e conseqüentemente a dissociação entre as duas situações de enunciação, citante e citada” (Maingueneau, 1996, pp. 105-6, *grifo do autor*). A citação em discurso direto provocaria, então, a coexistência de dois sistemas enunciativos, uma vez que cada um deles conservaria, por exemplo, suas marcas dêiticas e suas marcas próprias de subjetividade (Maingueneau, 1996, p. 106). Cabe ainda destacar que, em uma narrativa, “só há discurso ‘citado’(...) se aceitarmos o quadro instaurado pela ilusão narrativa” (Maingueneau, 1996, p. 107). Ou seja, na narrativa, não são propriamente “citadas” falas anteriores, que o narrador alteraria para mais ou para menos; na verdade, essas “falas” seriam criadas (Maingueneau, 1996, p. 107).

A emergência do discurso direto é, em geral, marcada pela presença de uma descrição feita com a utilização do que Authier-Revuz (1998) chama de *sintagma introdutor*: o enunciador, usando palavras que supõe como próprias, introduz uma descrição da situação de enunciação, podendo apresentar quem fala, a quem, quando etc. Logo, no discurso direto, o enunciador, além de tentar reproduzir integralmente o ato de fala do outro (real ou imaginado), pode fazer uma apreciação da situação de enunciação (real ou imaginada) que circunda esse ato de fala,

introduzindo (“**Pedro gritou para Ana:** – Não! Não me deixe!”) ou comentando o ato de fala relatado – Não! Não me deixe! **Sussurrou João para Ana**”).

Segundo Authier-Revuz (1998), classificar e analisar o discurso direto não é tarefa fácil, pois, a depender dos usos, as suas formas podem variar bastante. Neste artigo, o discurso direto a ser considerado é aquele presente em um conjunto de narrativas escritas elaboradas por crianças em fase de aquisição da escrita. Nessas produções textuais, o discurso direto é utilizado na apresentação de atos de fala imaginados ou reproduzidos pelas crianças. Na seção seguinte, apresentam-se, com mais detalhes, as características desse *corpus* e os procedimentos utilizados para coletar e analisar os dados de hipossegmentação nele identificados.

2 QUAIS DADOS? QUAIS PROCEDIMENTOS?

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se como *corpus* enunciados escritos pertencentes a um dos bancos de produções textuais que subsidia investigações do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq) e, também, do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a escrita* (CNPq). Foram selecionadas 65 narrativas de 65 diferentes crianças que cursaram o início da segunda série (atual terceiro ano) do Ensino Fundamental I, em duas escolas públicas de São José do Rio Preto (SP).

A opção pela narrativa está vinculada ao fato de sua estrutura composicional favorecer a produção/aparecimento de atos de fala de personagens que poderiam ser registrados por meio do discurso direto. A escolha por produções narrativas especificamente da segunda série (atual terceiro ano) se deu por ser esta uma das séries em que mais é observada a presença de hipossegmentações. As narrativas foram baseadas na seguinte história em quadrinhos (Figura 1)⁴:

4 O pesquisador responsável pela coleta das produções textuais distribuiu entre as crianças uma cópia da história em quadrinhos (Figura 1). Em seguida, pediu a algumas das crianças que contassem, oralmente, a história narrada pelos quadrinhos; após essa atividade oral, o pesquisador solicitou que as crianças iniciassem a produção do texto. Nesse momento, sugeriu às crianças que não apenas contassem a história que se passava nos quadrinhos, mas, também, que acrescentassem, por exemplo, o que poderia ter ocorrido após o término do último quadrinho.

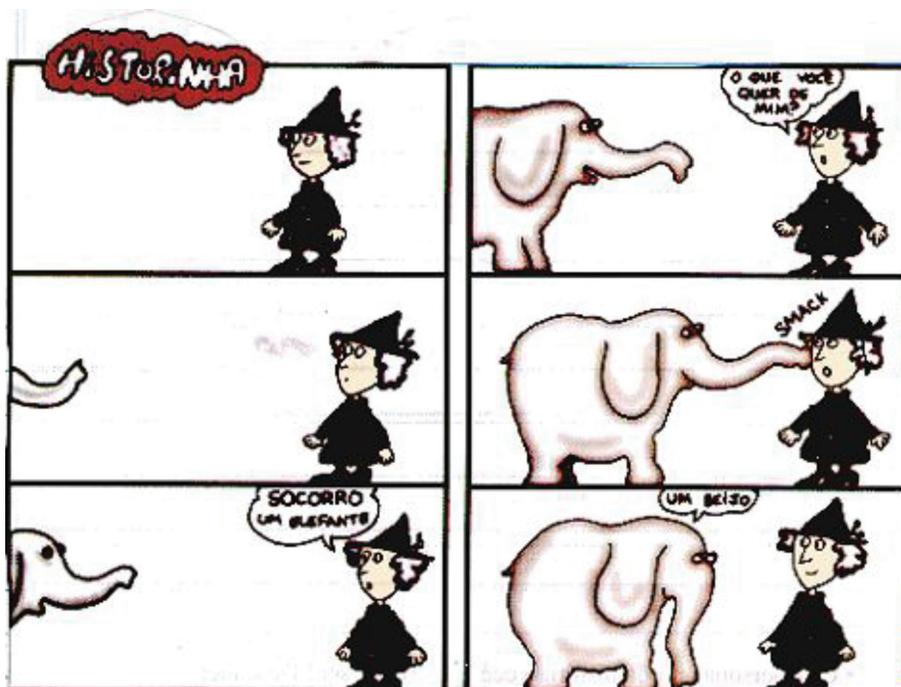


Figura 1. O elefante e a bruxa⁵

De posse das produções textuais, a primeira tarefa foi atribuir uma leitura a elas, pois nem sempre é possível compreender o que crianças, em momentos iniciais da aquisição da escrita, gostariam de escrever – principalmente, por ainda apresentarem, em seus registros escritos mais espontâneos, oscilações em relação à distribuição dos espaços em branco e às demais regras ortográficas. O cumprimento dessa tarefa levou à exclusão de algumas produções textuais, pelas seguintes razões:

- (a) impossibilidade de atribuição de leitura ao enunciado produzido pela criança; e
- (b) impossibilidade de identificação delimites por espaços em branco.

As figuras apresentadas na sequência exemplificam as exclusões feitas (Figura 2 e Figura 3):

⁵ Figura recolhida de Furnari, E. A bruxinha atrapalhada. São Paulo: Editora Global, 1982.

elocucionais e a organização semântica, sintática e rítmica dos enunciados infantis é o que permite verificar a presença do discurso direto.

O segundo passo foi um levantamento do número de palavras produzidas no DD e em OC, o qual possibilitou um levantamento do número de palavras envolvidas em hipossegmentação em contraste com o número de palavras restantes. As “palavras restantes” referem-se tanto àquelas que foram delimitadas pelas crianças de acordo com as normas ortográficas, quanto àquelas que foram hipersegmentadas (separadas além do previsto pelas normas ortográficas). Os procedimentos descritos até aqui visavam cumprir o objetivo de verificar se a presença do discurso direto favoreceria o aparecimento das hipossegmentações.

Como adiantado, um segundo objetivo foi averiguar a existência de diferenças nas hipossegmentações quando considerada a instância enunciativa na qual a criança se coloca para narrar/escrever: no DD e em OC. A análise dessas possíveis diferenças foi desenvolvida a partir do pressuposto de que a emergência de hipossegmentações na escrita infantil pode ser determinada pela atuação de diferentes limites prosódicos. De forma mais específica, considera-se que a emergência de hipossegmentações pode resultar

de uma suposição, feita pelas crianças, de que existiria uma relação unívoca entre aspectos prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita, de modo que os usos da linguagem falada, em especial as ‘fronteiras’ estabelecidas no fluxo da linguagem oral, pudessem ser transferidos diretamente para a escrita, sem alterações. (Capristano, 2007a, p. 124).

Nesse sentido, as hipossegmentações seriam, também,

indícios de uma das imagens que o escrevente faz da (sua) escrita – no sentido atribuído a essa afirmação por Corrêa (1998, 2004) – ou, ainda, de um dos modos segundo os quais o escrevente circula em dados momentos de sua produção escrita, momento em que ‘confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e de fidelidade representacional’ (Corrêa, 2004, p. 82). (Capristano, 2007a, p. 124).

Com base nesses pressupostos, na análise das hipossegmentações, avaliamos, num primeiro momento, se, de fato, as hipossegmentações identificadas no DD e em OC eram produto da atuação dos constituintes prosódicos considerados para análise. Em seguida, foi desenvolvida uma análise qualitativa das

hipossegmentações que não resultavam da atuação de constituintes prosódicos, observando-se diferenças entre DD e OC. Por fim, foram avaliadas qualitativamente as hipossegmentações emergentes da atuação de constituintes prosódicos, novamente observando diferenças entre DD e OC.

Para tratar de possíveis aspectos prosódicos envolvidos em hipossegmentações e explorar eventuais diferenças na qualidade das hipossegmentações, fundamentamo-nos na proposta de uma fonologia prosódica como idealizada por Nespor & Vogel (1986). As autoras propõem um modelo da organização mental da dimensão prosódica da linguagem. Partem da constatação de que, em várias línguas, muitas regras fonológicas não podem ser explicadas de forma exclusiva por informações contextuais relativa à sequência linear dos segmentos, nem por informações puramente morfológicas e sintáticas. Para elas, essa impossibilidade estaria ligada ao fato de o funcionamento de regras fonológicas estar também na dependência de uma organização das unidades fonológicas. Supõem, também, que a explicação para os fatos fonológicos das línguas naturais depende de uma interação entre informações de natureza não fonológica e fonológica.

O modelo proposto pelas pesquisadoras prevê a organização das unidades fonológicas em sete constituintes prosódicos, como demonstra a Figura 4⁷:

(1) Hierarquia Prosódica	
sílaba	σ
pé	Σ
palavra fonológica	ω
grupo clítico	C
frase fonológica	Φ
frase entoacional	I
enunciado	U

Figura 4. Hierarquia prosódica (Bisol, 1996, p. 248)

A aposta de Nespor & Vogel (1986) é a de que os sete constituintes, hierarquicamente organizados, corresponderiam à organização prosódica de qualquer língua e seriam mapeados segundo princípios e regras específicos⁸. Tendo em

⁷ Segundo Tenani (2006, p. 119), “Na literatura, são temas de discussão a existência desses domínios e o modo de organização dessa hierarquia que é baseada na relação cabeça/complementos entre os constituintes sintáticos para a construção de constituintes prosódicos”.

⁸ Para uma apresentação sintetizada desses princípios e regras, consultar Bisol (1996, pp. 230-1).

vista nosso objeto de análise – hipossegmentações entendidas como resultado do amálgama de duas ou mais palavras –, voltamos o nosso olhar somente para os quatro últimos constituintes da hierarquia proposta por Nespor & Vogel (1986) que ultrapassam o nível da palavra: grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico. Na apresentação dos resultados, serão detalhados esses quatro constituintes e o papel que desempenham na emergência de hipossegmentações.

Nas duas seções seguintes, serão expostos os resultados encontrados a partir dos procedimentos descritos anteriormente e seus desdobramentos para a pesquisa.

3 O DISCURSO DIRETO É RELEVANTE PARA A EMERGÊNCIA DE HIPOSEGMENTAÇÕES?

Como adiantado, para cumprir com o objetivo de verificar se a presença do discurso direto favoreceria o aumento de hipossegmentações, o primeiro passo foi assinalar os trechos de DD em oposição aos trechos de OC. O segundo foi realizar um levantamento do número de palavras produzidas no DD e em OC que serviu de base para um levantamento do número de palavras envolvidas em hipossegmentação em contraste como o número de palavras restantes.

Com base nesses procedimentos, foi encontrado, nas 59 produções textuais, um total de 2.841 palavras, das quais 1.152 foram registradas no DD e 1.689 em OC. No gráfico abaixo, apresenta-se a distribuição dessas palavras por contextos de análise.

Distribuição das palavras por contexto

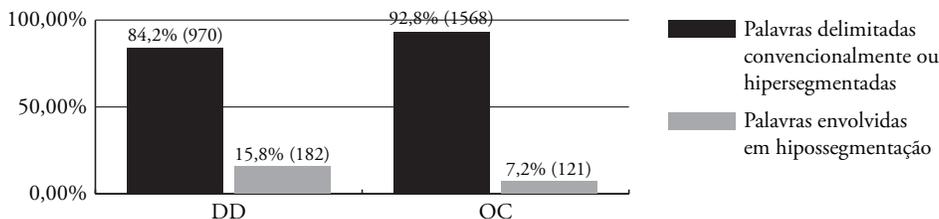


Gráfico 1. Distribuição das palavras por contexto de análise

O levantamento quantitativo sintetizado no Gráfico 1 permite observar que o número de palavras envolvidas em hipossegmentação no DD (182 palavras, equivalentes a 15,8% do total de palavras em DD) é maior, em números

absolutos e percentuais, do que aquele encontrado em OC (121 palavras, equivalentes a 7,2% do total de palavras em OC). Esses dados absolutos e percentuais confirmam a hipótese de que, quando as crianças (re) produzem, por meio do discurso direto, diálogos de personagens criados por elas em suas narrativas escritas, há, de fato, possibilidades reais de deixarem de colocar espaços em branco que, nas convenções ortográficas, delimitam palavras. Dito de outro modo, a emergência de um maior número de palavras envolvidas em hipossegmentações no DD indicia que essa instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever, como sugerido por Abaurre (1989, 1991) e Silva (1994), tem características peculiares que levam as crianças a fazerem uma aproximação entre a produção falada (real ou imaginária) de enunciados e sua produção escrita.

Com o resultado absoluto e percentual confirmando a hipótese de partida, passemos ao segundo momento, que responde ao objetivo de averiguar se haveria diferenças na qualidade das hipossegmentações quando contrastadas aquelas presentes em DD com aquelas presentes em OC.

4 A RELAÇÃO É TAMBÉM QUALITATIVA?

Para cumprir nosso segundo objetivo, examinamos, primeiramente, se as hipossegmentações identificadas no DD e em OC resultavam da atuação dos constituintes prosódicos considerados para análise. Esse exame permitiu constatar que, das 135 hipossegmentações identificadas em nosso *corpus* (nas quais estavam envolvidas 303 palavras: 182 em DD, 121 em OC), 124 (91,9%) derivavam da atuação de alguma das fronteiras de constituinte prosódico consideradas para a análise. Apenas 11 (8,1%) tinham um funcionamento diferente⁹. Essas hipossegmentações estavam desigualmente distribuídas, quando considerados os contextos de análise, como se pode verificar no Gráfico 2:

9 Conforme antecipado, tendo em vista que hipossegmentações resultam da junção de duas ou mais palavras morfológicas, as fronteiras prosódicas relevantes para observação delas são as de constituintes acima da palavra fonológica – considerando-se a proposta de Nespor & Vogel (1986): o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entonacional e, por fim, o enunciado fonológico.

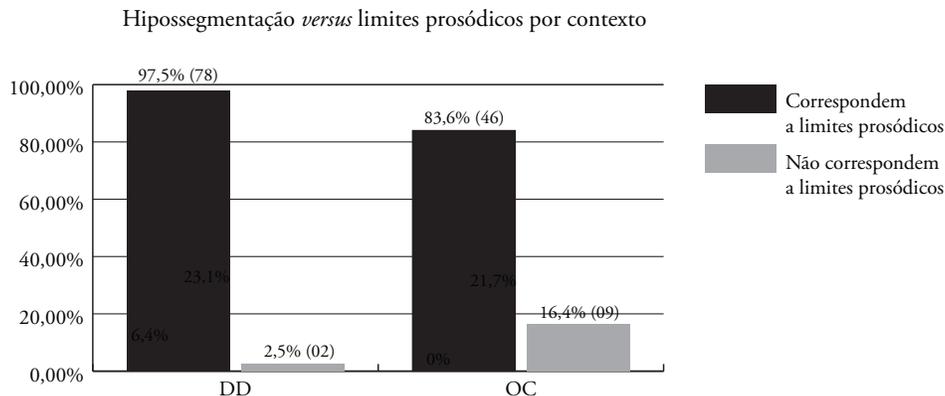


Gráfico 2: Hipossegmentações *versus* limites prosódicos por contexto de análise

O Gráfico 2 permite observar duas tendências. A primeira delas refere-se ao maior número de hipossegmentações emergentes da atuação de fronteiras prosódicas acima da palavra em ambos os contextos de análise: em DD, 97,5% das hipossegmentações identificadas e, em OC, 83,6%. A segunda tendência diz respeito ao maior número de hipossegmentações que não derivam da atuação de fronteiras prosódicas acima da palavra em OC: das 55 hipossegmentações identificadas, 9 (equivalentes à 16,4%) apresentavam esse comportamento; em contrapartida, em DD, apenas 2,5% das hipossegmentações não resultavam da atuação das fronteiras prosódicas consideradas.

A primeira tendência coaduna-se com os resultados de pesquisas sobre segmentação na aquisição da escrita de adultos e de crianças – cf., por exemplo, Abaurre (1991), Abaurre e Silva (1993), Capristano (2007a, 2007b), Chacon (2004), Cunha (2004, 2010), Cunha e Miranda (2007, 2009), Silva (1991) e Tenani (2010). . Essas pesquisas têm mostrado que hipossegmentações são majoritariamente produto da atuação da organização prosódica da linguagem sobre a escrita de crianças e de adultos. A primeira tendência apresentada também indica que, em se tratando da influência da organização prosódica da linguagem para a emergência de hipossegmentações, não há diferença entre DD e OC. Tanto em OC quanto em DD, as hipossegmentações provêm, na maior parte das vezes, de um vínculo estabelecido pelos escreventes entre limites prosódicos e fatos de segmentação da escrita.

A segunda tendência, por sua vez, sinaliza uma possível diferença entre as hipossegmentações, quando se considera a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever: os números absolutos e percentuais indicam que as hipossegmentações não derivadas da atuação de fronteiras prosódicas acima

da palavra estão mais presentes em OC do que em DD. Essa presença maior, a nosso ver, só pode ser explicada pelo exame qualitativo das hipossegmentações. .

Observadas qualitativamente, nota-se que tanto as ocorrências em OC quanto as em DD são provocadas pela atuação simultânea de diferentes fatores prosódicos e letrados. Nesse sentido, , essas hipossegmentações, quando comparadas às hipossegmentações resultantes da convergência entre limites prosódicos e gráficos, têm um funcionamento complexo e particular, como pode ser observado pela análise da hipossegmentação apresentada na Figura 6, identificada em OC:

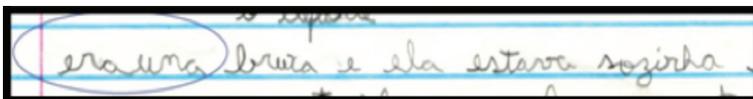


Figura 6. Hipossegmentação em OC¹⁰

Caso a hipossegmentação em destaque tivesse sido mobilizada pela atuação exclusiva de um dos domínios prosódicos que estávamos avaliando, os espaços brancos deveriam aparecer circunscrevendo os limites da frase fonológica reestruturada¹¹ [eraumabruxa] Φ ou, ainda, os limites da frase fonológica simples [umabruxa] Φ . No entanto, a criança registra *erauma bruxa*, que não corresponde à fronteira de um constituinte prosódico. Nessa ocorrência, a criança pode ter estado sensível para dois fatores: a autonomia gráfica de *uma e/ou de bruxa* (circulação por práticas letradas) e para um processo de ressilabação que pode ocorrer, na produção oral, entre *era e uma*: a elisão (circulação por práticas orais).

A ressilabação é um processo fonológico que diz respeito ao encontro de duas vogais diferentes pertencentes a vocábulos diferentes. Nesse encontro, há a junção de dois itens lexicais, motivada pelo choque de núcleos silábicos, e o conseqüente apagamento de uma das sílabas. No exemplo em questão, [e.ra.u.ma.bru.xa] tornar-se-ia [e.ru.ma.bru.xa]. Em geral, a elisão não ocorre quando a segunda vogal é tônica (caso de *era uma bruxa*), mas se torna possível em momentos nos quais o acento primário de palavra é “enfraquecido por razões prosódicas e rítmicas” (Abaurre, 1996, p.45). Especificamente, esse processo não

10 **Leitura preferencial:** “Era uma bruxa e ela estava sozinha”.

11 A frase fonológica (Φ) é um constituinte abaixo do I, formada por um cabeça lexical (nome, verbo ou advérbio) que pode incorporar outra palavra fonológica ou grupo clítico no seu lado não recursivo (cf. informações mais detalhadas na sequência do artigo). Ela é um constituinte que pode sofrer reestruturação, incorporando o primeiro complemento ou modificador em seu lado recursivo, desde que este não seja ramificado. Assim, [Era] Φ [uma bruxa] Φ pode ser reestruturada como [Era uma bruxa] Φ . No entanto, [Era] Φ [bruxa de mentira] Φ não pode ser reestruturada.

ocorre apenas “quando o acento primário de palavra, atribuído no componente lexical, é também interpretado, pós-lexicalmente, como acento frasal, portador de informação sintática (...)” (Abaurre, 1996, p. 46). A hipossegmentação *erauma* está no interior do que se poderia supor ser uma frase fonológica reestruturada [*eraumabruxa*], na qual *bruxa* atua como elemento prosodicamente forte. Pode, portanto, ser contexto para a elisão. Mesmo tendo registrado as duas vogais, supomos que a junção entre *era* e *uma* sinaliza que a criança pode ter estado sensível para esse processo.

Outro fator a ser considerado é o de que a separação entre *erauma* e *bruxa* tenha sido motivada pelo reconhecimento, prospectivo e/ou retrospectivo, de que *uma* e/ou *bruxa* são unidades que precisam ser delimitadas por espaços em branco. Neste caso, pode-se pressupor que, por um lado, ao terminar o registro de *uma*, a criança pode ter “se dado conta”, de forma retrospectiva, de que *uma* é um elemento que deve ser delimitado por brancos. Esse reconhecimento retrospectivo não implica um retorno no gesto de escrever para isolar *uma* em suas duas margens. Parece ser suficiente para a criança um único espaço em branco para sinalizar a autonomia de *uma* (cf. Chacon, 2004, p. 228).

Por outro lado, a criança pode, também, de forma exclusiva ou simultânea, ter “se dado conta”, prospectivamente, de que *bruxa* é um elemento que deve ser delimitado por brancos, em função de, pelo menos, dois fatores:

- (i) saliência fonológica de *bruxa* – na frase fonológica reestruturada [*eraumabruxa*] ϕ , *bruxa* atua como elemento prosodicamente forte, como adiantado; e
- (ii) saliência temática de *bruxa* – a *bruxa* e sua relação com um *elefante* são temas centrais da produção textual da qual essa hipossegmentação faz parte.

O funcionamento complexo da hipossegmentação *erauma* repete-se, guardadas algumas especificidades, nas demais hipossegmentações que não correspondem de forma direta a limites prosódicos, tanto em DD quanto em OC. Essas hipossegmentações resultam sempre da ação síncrona de informações letradas e orais; constituem, pois, momentos em que a suposição de que existiria uma relação unívoca entre aspectos prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita aparece fortemente entrelaçada e/ou atravessada pela sensibilidade do escrevente a outras informações, especialmente as de natureza letrada, ligadas à dimensão gráfica da escrita.

Embora não haja, portanto, uma diferença na qualidade das hipossegmentações que pareça resultar da atuação da instância enunciativa na qual a criança narra/escreve (DD ou OC), no *corpus* desta pesquisa, o aparecimento dessas hipossegmentações que não derivam de forma direta da atuação das fronteiras dos

constituintes que avaliamos é favorecido quando as crianças não estão registrando diretamente a fala de personagens e nos quais, possivelmente, estariam mais sensíveis para a atuação de outras informações, especialmente as de natureza letrada.

Como última etapa da análise, avaliamos se havia diferenças na qualidade das hipossegmentações que resultavam da atuação de constituintes prosódicos, novamente observando o contraste entre DD e OC. As 124 hipossegmentações que correspondiam a limites prosódicos, separadas por contexto de análise (OC = 46 e DD = 78), foram analisadas considerando-se o tipo de fronteira prosódica que poderia ter influenciado seus aparecimentos: o enunciado fonológico (U), a frase entonacional (I), a frase fonológica (Φ), e, por fim, o grupo clítico (C). Com base nessa análise, chegamos aos resultados organizados no gráfico abaixo:

Hipossegmentações e constituintes prosódicos

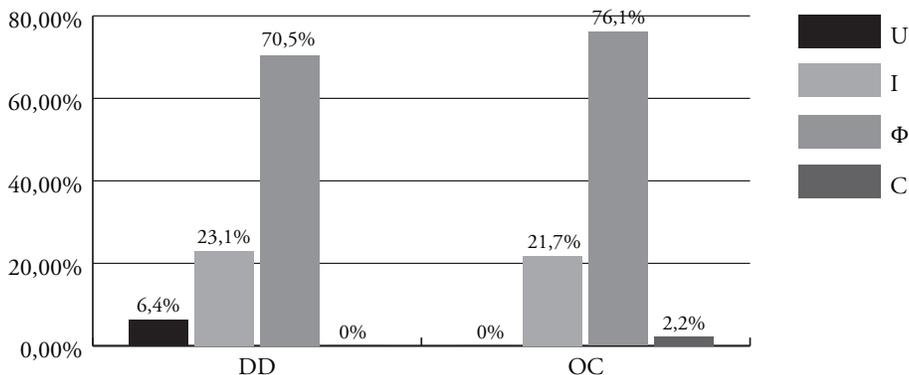


Gráfico 5. Hipossegmentações e constituintes prosódicos¹²

O exame do Gráfico 5 permite detectar fatos importantes, dentre os quais se destacam: (a) a presença de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras prosódicas de um enunciado fonológico apenas no DD; (b) a quantidade relativamente equilibrada de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras de frases entonacionais tanto em DD quanto em OC; (c) a atuação das fronteiras do constituinte grupo clítico apenas em OC; e, por fim, (d) o número bastante significativo de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras prosódicas de frases fonológicas, tanto em DD quanto em OC. Detemo-nos,

¹² Para a organização desse gráfico, consideramos o total de hipossegmentação por contexto e, depois, por constituinte (U, I, Φ , C).

na sequência deste artigo, na exploração de cada um desses fatos, com ênfase no modo como estão relacionados com nossa hipótese de partida.

No *corpus* examinado, foram encontradas apenas 5 hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras prosódicas de um enunciado fonológico e, exclusivamente, no DD. A Figura 9 exemplifica esse tipo de ocorrência:

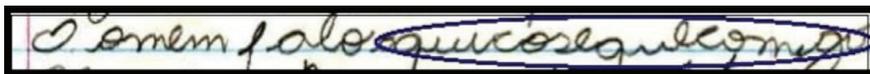


Figura 7. O enunciado fonológico¹³

Trata-se de uma hipossegmentação cujas fronteiras inicial e final, delimitadas por pausas, correspondem ao começo e ao fim de um constituinte oracional de natureza sintático-semântico: uma interrogação que se caracteriza, também, por sugerir curva entonacional própria. Essas propriedades alinham-se ao previsto pela definição do constituinte prosódico “enunciado fonológico” (U)¹⁴, o mais alto da hierarquia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986).

Apesar do pequeno número de hipossegmentações derivadas de U (apenas 6,4% dos dados encontrados em DD), é significativo que esse tipo de segmentação não convencional apareça de forma exclusiva no DD. Parte dessa importância liga-se às características do U: pela descrição anterior, observa-se que o U tem a particularidade de contar, para definição de seu domínio, com informações não só fonológicas, mas, também, sintáticas e semânticas. Há, como se vê, uma integração entre diversos elementos que tornam o U não só uma unidade *prosódica*, mas uma unidade de *informação*, sintaticamente completa, delimitada por pausas.

Nessa e nas demais hipossegmentações semelhantes detectadas no *corpus* analisado, as crianças registram, pois, uma unidade prosódica e informacional, a “fala” de um personagem ou, ainda, uma porção fônica percebida como contínua e completa que atribuem a um personagem. Dados como esses são, nesse sentido, os que mais diretamente sustentam a hipótese de partida do presente trabalho, ou seja, a de que as crianças, no início do processo de aquisição da escrita, tendem a supor que “os diálogos, mesmo quando escritos, devem estar próximos da pronúncia das próprias personagens” (Abaurre, 1991, p. 213).

Outro fato que chama atenção no Gráfico 5 refere-se à quantidade equilibrada de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras de frases

13 **Leitura preferencial:** “O homem falou: o que que você quer comigo?”

14 A presença de curva entonacional própria é uma informação fonológica importante para a definição de domínio de frases entonacionais, como será visto adiante. Aqui, trata-se de um enunciado fonológico constituído por duas frases entonacionais, cada uma com contorno entonacional próprio.

entonacionais, nos dois contextos examinados. A Figura 8 exemplifica esse tipo de hipossegmentação:

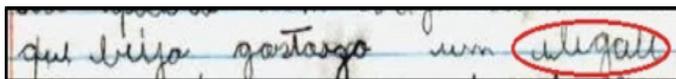


Figura 8. A frase entonacional¹⁵

Segundo Nespór & Vogel (1986), a I é formada por um conjunto de frases fonológicas ou apenas por uma frase fonológica dotada de contorno entonacional identificável. É a menor unidade da hierarquia prosódica capaz de expressar conteúdo informativo e pode corresponder a uma sentença, em geral, declarativa, exclamativa ou interrogativa. Deve-se considerar, entretanto, que a I é um constituinte altamente instável e complexo e, por essa razão, “no interior dessas unidades sempre se tem que contar com certa flexibilidade” (Bisol, 1996, p. 239). Há, por exemplo, casos especiais nos quais certos tipos de construções formam domínios entonacionais por si mesmos— por exemplo: perguntas fáticas ou de confirmação, expressões parentéticas, orações relativas explicativas, vocativos, expressões que funcionam como interjeições e certos elementos móveis. Além dessas características, de acordo com Nespór & Vogel (1986), fatores pragmáticos como a velocidade de fala e estilo podem intervir na formação de Is.

A I é, pois, um dos constituintes que abre maior possibilidade para manifestação de características expressivas da linguagem e, em consequência, da subjetividade do sujeito que enuncia. É o que ocorre com a hipossegmentação apresentada na Figura 8: [*élegal*] I. Essa hipossegmentação é formada por um sintagma que, com entonação peculiar, parece representar a emoção e/ou a sensação de um dos personagens criados pela criança.

Pelas características arroladas, a expectativa deste estudo era a de que hipossegmentações derivadas de Is ocorressem de forma predominante no DD, assim como ocorreu com as hipossegmentações derivadas de Us. Afinal, para a definição do domínio da I, são necessárias informações de natureza rítmica, entonacional e expressiva. A nosso ver, a presença, no DD, de hipossegmentações derivadas de Is, ao lado de hipossegmentações derivadas de Us, sustentaria de forma contundente a hipótese de que, no DD, as crianças buscariam uma representação gráfica mais fiel aos enunciados falados (ou imaginariamente falados) que registram, na tentativa de escrever diálogos de forma bastante próxima da pronúncia das próprias personagens (Abaurre, 1991, p. 213).

15 **Leitura preferencial:** “Que beijo gostoso! Hum! É legal!”

No entanto, quando observamos os resultados gerais expostos no Gráfico 5, essa expectativa de que *Is* poderiam ocorrer de forma predominante no DD não se confirma: vemos uma quantidade equilibrada de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras de frases entonacionais nos dois contextos examinados. A interpretação mais apropriada desse resultado deve considerar que, de forma diferente do que ocorre em DD, uma parcela bastante significativa das *Is* encontradas em OC tem um funcionamento muito particular, uma vez que das 10 ocorrências encontradas, 7 (70%) resultam da atuação da frase entonacional *de repente*, como no exemplo abaixo:

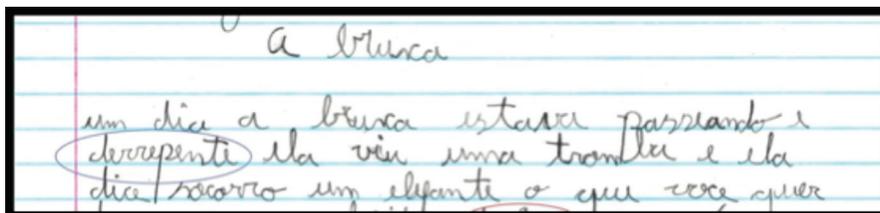


Figura 9. A bruxa¹⁶

Gramaticalmente, *de repente* é uma locução adverbial. De acordo com Bechara (2009), ela equivaleria ao advérbio de modo “repentinamente”. Assim, “[per-tence] (...) [a]o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio” (Bechara, 2009, p. 287). Nessa locução, a preposição, “funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria” (Bechara, 2009, p.287). Isto é, a preposição *de* “une-se” (não graficamente, mas semântica e prosodicamente) ao substantivo *repente* que, somente assim, ganha o sentido que lhe é atribuído: de algo que aconteceu de forma inesperada, subitamente.

Desses fatos procede parte da dificuldade dos escreventes em atribuir autonomia gráfica aos dois elementos da locução *de repente*, o que explicaria a presença significativa de hipossegmentações envolvendo essa locução em produções textuais infantis – não só nas analisadas na pesquisa apresentada aqui. Ademais, essas hipossegmentações não aparecem de forma exclusiva em produções textuais de alunos das séries iniciais do ensino fundamental, mas também nas de alunos dos últimos anos desse ciclo, como observaram Tenani e Paranhos (2011).

16 **Leitura preferencial:** Um dia a bruxa estava passando e // de repente ela viu uma tromba. E ela // disse: “Socorro um elefante. O que você // quer de mim?”.

As locuções adverbiais *de repente* identificadas em nosso *corpus* têm, também, a particularidade de funcionarem como marcadores temporais das narrativas elaboradas pelas crianças, marcadores que são responsáveis pela progressão da narrativa registrada/criada por elas. Essas locuções, mais do que expressarem a ideia de que “algo aconteceu repentinamente”, indiciam o início de um conflito nas narrativas infantis. No exemplo apresentado na Figura 9, a locução *de repente* interrompe a tranquilidade inicial da narrativa, uma vez que, de maneira inesperada, “ela [a bruxa]” viu “uma tromba”.

Por todas essas ponderações, é possível afirmar que o aparecimento de hipossegmentações derivadas da atuação de fronteiras prosódicas de Is em OC está fortemente vinculado à presença de um momento peculiar no qual o escrevente usa a locução “derepente” com a função de representar a emoção do narrador frente às ações organizadas discursivamente na narrativa. Além disso, essas ponderações permitem concluir que a quantidade equilibrada de hipossegmentações derivadas da atuação das fronteiras de Is nos dois contextos examinados só pode ser considerada quando olhamos para a quantidade de hipossegmentação derivada de Is. No entanto, quando examinamos a qualidade das hipossegmentações derivadas de Is, esse equilíbrio se desfaz: em DD, as hipossegmentações são diversas e emergem em diferentes momentos, em OC, há pouca variabilidade no tipo de hipossegmentação e as hipossegmentações provêm prioritariamente de momentos em que os escreventes registram a locução “de repente”.

No Gráfico 5, apresentado anteriormente, também nota-se a baixíssima atuação das fronteiras do constituinte prosódico grupo clítico (doravante C) para a emergência de hipossegmentações em nosso *corpus*. O C é, geralmente, constituído de um *clítico* – elemento prosodicamente fraco, pertencente a diferentes categorias gramaticais, particularmente, preposição (e contrações de preposição + artigo), conjunção, pronome – e uma *palavra de conteúdo*, isto é, adjetivos, verbos, advérbios e alguns pronomes, que possuem proeminência acentual (cf. BISOL, 1996). Em nosso *corpus*, foi identificada apenas uma hipossegmentação na qual a criança segmenta respeitando os limites de um C:

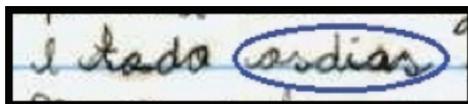


Figura 10. O grupo clítico¹⁷

17 **Leitura preferencial:** “E todos os dias.”

A baixa atuação das fronteiras de C em nosso *corpus* deve-se ao fato de essa fronteira só ter sido relevante, nesse *corpus*, para avaliar sintagmas complexos, como “*e todos os dias*”, composto não só por núcleo (*dias*), mas também por determinantes (*os*) e modificadores (*todos*), além da conjunção “*e*”. Cabe ressaltar, entretanto, que, como veremos em seguida, grande parte das hipossegmentações derivadas da atuação de fronteiras prosódicas de uma frase fonológica é constituída pela junção de um clítico e um elemento prosodicamente mais forte, ao qual ele se une; portanto, são hipossegmentações provenientes de frases fonológicas constituídas por um único grupo clítico.

No quadro apresentado anteriormente, vimos que tanto no DD quanto em OC a maioria das hipossegmentações provinha da atuação das fronteiras prosódicas da frase fonológica. A Φ é um constituinte abaixo do I, formada por um cabeça lexical (nome, verbo ou advérbio) que pode incorporar outra palavra fonológica ou grupo clítico no seu lado não recursivo. Desta forma, pode constituir-se por um ou mais grupos clíticos. Para a definição de domínio de Φ , são necessárias não apenas informações fonológicas, mas, também, informações sintáticas. Embora a informação sintática seja crucial para definição de Φ s, uma frase fonológica não corresponde diretamente a um sintagma sintático em português: um sintagma fonológico não conterà, em regra, o material *à direita* de um núcleo, salvo em casos de reestruturação (cf. nota 10). Vejamos um exemplo:



Figura 11. A frase fonológica¹⁸

Na Figura 11, a estrutura hipossegmentada provavelmente é efeito da atuação das fronteiras de uma frase fonológica simples: nessa estrutura, o verbo *dar* (registrado como *da*) funciona como cabeça lexical e o pronome do caso oblíquo *te* (registrado como *ti*) é o elemento clítico que se une à palavra de conteúdo, constituindo uma Φ .

Nos dados apresentados no Gráfico 5, esse tipo de hipossegmentação, como afirmamos anteriormente, representa a maioria das hipossegmentações tanto em OC (76,1% dos dados) quanto em DD (70,1% dos dados). Assim sendo, separadas por contexto de análise, não há diferença quantitativa entre essas hipossegmentações. A observação mais pormenorizada delas permite notar, entretanto: (a) quantidade significativa de hipossegmentações formadas por *o que*,

18 **Leitura preferencial:** “Eu quero te dar um beijo.”

especialmente, no DD; e, como adiantado, (b) quantidade também significativa de hipossegmentações provenientes de frases fonológicas constituídas por um único grupo clítico nos dois contextos examinados. Esses dois fatos têm implicações importantes para análise que desenvolvemos. Vejamos por quê.

A estrutura *o que* foi utilizada por grande parte das crianças, no discurso direto, pelo fato de a história em quadrinhos já apresentar uma pergunta contendo *o que*:



Figura 12. Trecho da história em quadrinhos

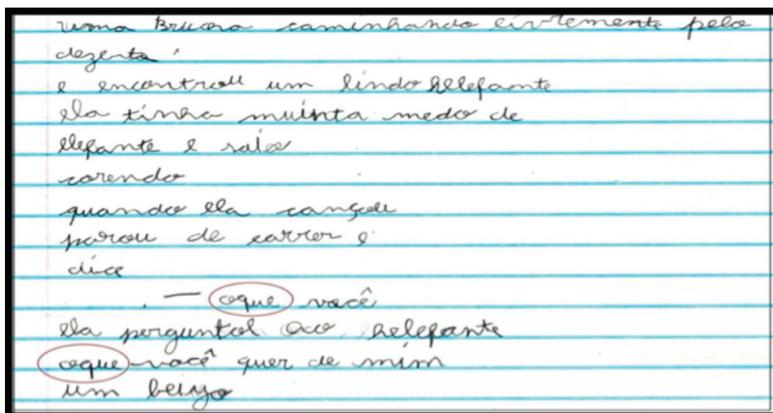


Figura 13. Hipossegmentação da estrutura “o que”¹⁹

19 **Leitura preferencial:** Uma bruxa caminhando livremente pelo // deserto, # // e encontrou um lindo elefante. // Ela tinha muito medo de // elefante e saiu // correndo. // Quando ela cansou // parou de correr e // disse: # // “O que você...” # // Ela perguntou ao elefante: # // “O que você quer de mim?” # // “Um beijo”.

É interessante pensarmos que, mesmo a estrutura *o que* tendo sido lida e vista em sua forma convencional, algumas crianças a registraram de forma hipossegmentada, o que nos mostra que elas não copiaram simplesmente essa estrutura. O gráfico abaixo apresenta a quantidade de hipossegmentações derivadas de ϕ s e envolvendo *o que* contrastada com as demais:

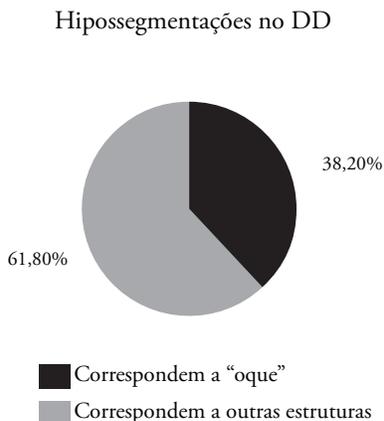


Gráfico 6. Estruturas hipossegmentadas a partir de frases fonológicas no DD

Para Bechara (2009), a estrutura *o que* seria utilizada apenas para dar ênfase à *pergunta*; quando se busca, pois, uma interrogação em sua “forma enfática” (Bechara, 2009, p. 170). *O que é*, também, uma interrogativa aberta, do tipo Q, semelhante às interrogativas Wh do inglês. Do ponto de vista sintático e semântico, *o que* constitui, assim, um só elemento, funcionando no sistema linguístico como uma única palavra como outras formas interrogativas como *qual*, *quando*, *onde* etc. A convenção ortográfica, no entanto, exige a separação gráfica dessa estrutura²⁰.

Das características de “o que” decorre a dificuldade da criança em atribuir autonomia gráfica a “o” e “que”. Essa dificuldade é notada não exclusivamente nas primeiras séries do ensino fundamental. Tenani e Paranhos (2011) observaram um número alto de ocorrências desse tipo de hipossegmentação também nas últimas séries do ensino fundamental.

Pode-se inferir das afirmações precedentes, que a hipossegmentação *oque* tem um funcionamento particular, diferente das demais encontradas em nosso corpus. Por esta razão, optamos por verificar se haveria mudanças significativas

²⁰ Agradecemos a Prof^ª Dr^ª Luciani Ester Tenani por ter chamado nossa atenção para esse fato.

na relação entre DD e OC com a exclusão desses dados com características tão peculiares. Excluídas as hipossegmentações envolvendo *o que*, temos o seguinte:

Hipossegmentação e constituintes prosódicos: sem “o que”

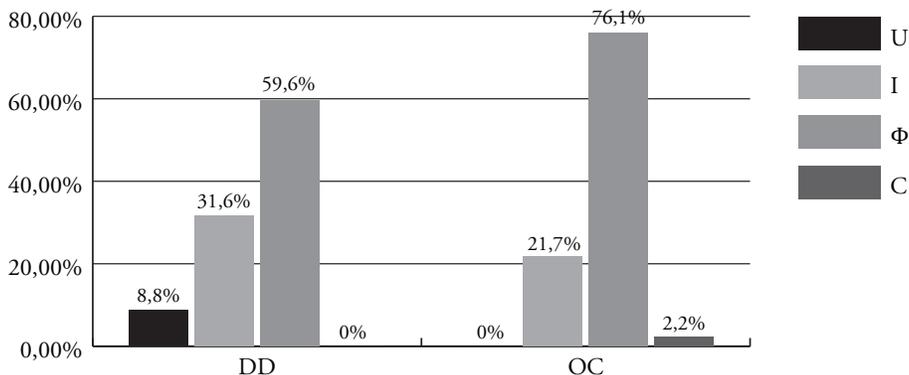


Gráfico 7. Hipossegmentações e constituintes prosódicos

A exclusão das hipossegmentações derivadas de ϕ s envolvendo “o que” não altera radicalmente os resultados apresentados anteriormente (Gráfico 5). Tanto no DD quanto em OC a maioria das hipossegmentações continua sendo aquelas resultantes da atuação das fronteiras prosódicas da frase fonológica. Em DD, das 57 hipossegmentações que correspondem a limites prosódicos, 34, equivalentes a 59,6% dos dados, são resultantes da atuação das fronteiras prosódicas da frase fonológica. Em OC, das 46 hipossegmentações que correspondem a limites prosódicos, 35 ocorrências, equivalentes a 76,1%, derivam da atuação das fronteiras prosódicas da frase fonológica. Ocorre, entretanto, que em OC essa atuação parece ser mais forte. O que explicaria a atuação relativamente mais forte das fronteiras prosódicas da frase fonológica formada por um clítico e uma palavra de conteúdo em OC?

Novamente, olhando de forma mais pormenorizada para as hipossegmentações, observamos que um número grande delas era constituída pela junção de um clítico a uma palavra de conteúdo, tanto em OC, quanto no DD. Considerando o contexto de análise, vimos que, das 57 ocorrências identificadas em DD (sem “o que”) 17 (29,8%) tinham esse comportamento e 40 (70,2%) tinham um funcionamento mais variável: eram formadas, por exemplo, pela junção verbos e substantivos (ambos portadores de acento primário), locuções verbais etc. Em contrapartida, em OC, das 46 ocorrências identificadas, 21 (45,7%) eram

constituídas pela junção de um clítico a uma palavra de conteúdo, enquanto o restante (25, equivalente a 54,3%) tinha um funcionamento mais variável. Esses resultados mostram, novamente, mais uma diferença que parece ter sido mobilizada pela atuação da instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever: em DD, há uma maior variabilidade nas hipossegmentações derivadas de ϕ s, enquanto que, em OC, não.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois objetivos nortearam a pesquisa apresentada neste artigo. Por um lado, balizados por hipótese levantada nos trabalhos de Abaurre (1989, 1991) e Silva (1991), buscamos verificar se a presença do discurso direto, em produções textuais infantis, influenciaria o aparecimento de hipossegmentações. Por outro lado, interessávamos, também, examinar a qualidade das hipossegmentações, verificando possíveis diferenças entre hipossegmentações presentes no discurso direto e hipossegmentações presentes em outros contextos. Subjacente a esse segundo objetivo, estava a hipótese de que os fatores linguísticos determinantes do aparecimento de hipossegmentações no discurso direto poderiam não ser exatamente os mesmos que motivariam o aparecimento de hipossegmentações em outros contextos.

Os resultados encontrados permitiram confirmar a hipótese formulada por Abaurre (1988, 1991) e Silva (1991), já que, de fato, em nosso *corpus*, foram encontradas mais palavras envolvidas em hipossegmentações no discurso direto do que em outros contextos. Esse resultado positivo deve ser avaliado considerando que as crianças registraram um menor número de palavras no DD – das 2.841 palavras registradas pelas crianças, 1.152 (40,6%) estavam no DD e 1.689 (59,4%) em OC –, fato que implicaria uma menor possibilidade de contextos para o aparecimento de erros de segmentação. Ou seja, as crianças hipossegmentaram mais no discurso direto, local onde, hipoteticamente, elas poderiam hipossegmentar menos, por registrarem menos palavras.

O exame qualitativo dos dados permitiu, também, confirmar nossa hipótese de que os fatores linguísticos que permitem a emergência de hipossegmentações não são os mesmos nos dois contextos examinados, já que pudemos verificar várias diferenças entre as hipossegmentações identificadas em DD e OC, dentre as quais se destacaram: (a) maior presença de hipossegmentações não derivadas da atuação de fronteiras prosódicas acima da palavra em OC do que em DD; (b) a presença de hipossegmentações derivadas de enunciados fonológicos exclusivamente no DD; (c) maior variabilidade nas hipossegmentações derivadas de frases entoacionais (Is) no DD do que em OC, já que, em OC, as hipossegmentações derivadas da atuação de Is emergiram prioritariamente em momentos em que os escreventes registraram

a locução “de repente”; e, por fim, (d) variabilidade relativamente maior nas hipossegmentações derivadas de frases fonológicas (Φ) em DD, uma vez que, nesse contexto, das 57 hipossegmentações identificadas, 17 (29,8%) resultavam da atuação das fronteiras de uma Φ formada pela junção de clítico a uma palavra de conteúdo e 40 (70,2%) tinham um funcionamento mais variável.

A confirmação das duas hipóteses norteadoras da pesquisa apresentada neste artigo nos leva a afirmar que a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever (no nosso caso, DD e OC) desempenha um importante papel no aparecimento de hipossegmentações na escrita infantil. Em alguns casos, é essa instância enunciativa que parece determinar o tipo de hipossegmentação que pode ou não emergir. Tendo em vista que as hipossegmentações são importantes pistas dos caminhos trilhados pelas crianças para compreender a noção de palavra definida pelas convenções ortográficas, pode-se conjecturar que o modo como crianças passam a ser afetadas por essa noção é atravessado pela a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever. Em outras palavras, os conflitos enfrentados pelas crianças sobre como segmentar estão entrelaçados, também, pela voz que a criança assume quando narra/escreve.

Por fim, resta destacar que os resultados apresentados aqui podem nos levar a uma mudança no modo como o funcionamento das hipossegmentações na escrita infantil tem sido analisado e interpretado: de uma análise exclusiva do dado hipossegmentado para uma análise que considere, além do dado em si, a instância enunciativa em que a criança se coloca para narrar/escrever, mudança essa que pode, por sua vez, permitir uma compreensão mais precisa do papel das hipossegmentações (e de outras formas não convencionais de segmentação) na aquisição da escrita infantil.

REFERÊNCIAS

Abaurre MBM. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: Kato MA, organizador. A concepção da escrita pela criança. Campinas: Pontes Editores; 1998. pp. 135-42.

Abaurre MBM. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. Boletim da Abralín. 1991; 11:203-17.

Abaurre MBM. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. Letras de Hoje. 1996; 104, pp. 41-50.

Abaurre MBM, Silva A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em Psicologia*. 1993; 1, pp. 89-102.

Authier-Revuz J. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP; 1998. Observações no campo do discurso relatado; pp. 133-63.

Bechara E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Nova fronteira; 2009. Advérbio; p. 287-96.

Bisol L, organizador. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS; 1996. Capítulo 5, Constituintes prosódicos; p. 247-61.

Capristano CC. Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem; 2007a.

Capristano CC. Segmentação na escrita infantil. São Paulo: Martins Fontes; 2007b.

Chacon L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*. 2004; 39, pp. 223-32.

Chacon L. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*. 2005; XXXIV, pp. 77-86.

Corrêa MLG. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. *Cadernos da F.F.C. (UNESP)*. 1998; 6, pp. 165-85.

Corrêa MLG. O modo heterogêneo de constituição da escrita. São Paulo: Martins Fontes; 2004.

Cunha APN. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia [dissertação]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação; 2004.

Cunha APN. As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu [tese]. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação; 2010.

Cunha APN, Miranda ARM. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. 2007; 5, pp. 1-19.

Cunha APN, Miranda ARM. A hipo e a hipersegmentação em dados de aquisição de escrita: a influência da prosódia. *Alfa: Revista de Linguística*. 2009;53, pp. 127-48.

Maingueneau D. Elementos de linguística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes; 1996. Capítulo 5, O discurso citado; pp. 103-31.

Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris Publications; 1986.

Romualdo EC. O discurso relatado em depoimentos da justiça: formas e funções. *Acta Scientiarum*. 2003; 25, pp. 233-40.

Silva A. Alfabetização: a escrita espontânea. São Paulo: Editora Contexto; 1991.

Tenani LE. Domínios prosódicos no português brasileiro: evidências rítmica, entonacional e segmental. *Estudos Lingüísticos*. 2006; XXXV, pp. 118-31.

Tenani LE. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de Educação*. Jan./Ab. 2010; 1, pp. 247-69.

Tenani LE, Paranhos FC. Análise prosódica de segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do EF. *Filologia e Linguística Portuguesa*. 2011; 13, pp. 477-504.

Recebido em: 06/05/14

Aprovado em: 17/05/14